

Coleção Aventuras Grandiosas

Charles Dickens

**DAVID
COPPERFIELD**

Adaptação de Ana Carolina Vieira Rodriguez

2ª edição

 **EDITORA
RIDEEL**

Capítulo 1

MEU NASCIMENTO

Vim ao mundo em uma sexta-feira treze à meia-noite. Muitas pessoas disseram que eu seria muito infeliz durante toda a vida por causa disso e que seria capaz de ver fantasmas e falar com espíritos. Infelizmente, nunca encontrei nenhuma alma penada. Gostaria de tirar minhas dúvidas sobre o mundo dos espíritos, mas não tive esse privilégio. Quanto à infelicidade, vocês podem tirar suas próprias conclusões depois de lerem este relato.




Já nasci órfão, pois meu pai morreu seis meses antes de eu chegar. Lembro bem da **LÁPIDE** branca atrás da igreja, onde ele fora enterrado. Quando pequeno, eu pensava: “Coitado do papai! Ele está lá, sozinho no escuro, enquanto a nossa casa é tão clara e aquecida...”

Naquela tarde de sexta-feira, minha mãe estava sentada perto da janela, quando viu uma senhora se aproximar da casa. Um calafrio lhe percorreu todo o corpo, pois ela adivinhou quem era. Meu pai tinha uma tia chamada Betsey Trotwood que havia cortado relações com ele depois de seu casamento com minha mãe. Ela não conhecia a noiva, mas sabia que a jovem era dez anos mais nova que o noivo. Além disso, minha mãe era pobre, trabalhava como babá na casa de amigos de meu pai, onde os dois se conheceram. Definitivamente, ela não aceitou a união entre eles, pois achava que minha mãe não era do mesmo nível social e não merecia um homem como seu sobrinho.

Meu pai morreu doente um ano depois do casamento, sem poder falar com sua tia. Segundo o que ele havia contado a minha mãe, ela era uma mulher de personalidade forte, mas que havia sofrido uma enorme decepção. Casara-se com um homem mais jovem que ela. O rapaz era bonito, mas não gostava de trabalhar e era muito violento. Sabia-se na vizinhança onde moravam que ela era constantemente **ESPANCADA**. No dia em que ele ameaçou jogá-la pela janela do andar de cima da casa, Betsey Trotwood percebeu que aquele casamento tinha sido um erro. Os dois se separaram e ele foi morar nas Índias.

Depois desses acontecimentos, a tia de meu pai (minha tia-avó) passou a ser uma pessoa **RÍGIDA** e amarga. Mudou-se para uma casa no litoral e foi viver solitária perto do mar. Naquela tarde, minha mãe sabia que a senhora alta e decidida que se aproximava só podia ser Betsey Trotwood.

De fato, ela era uma pessoa diferente, pois, em vez de tocar a campainha, colou o nariz na janela da sala e olhou para dentro da casa. Viu minha mãe, grávida, sentada perto do fogo e fez sinal com o indicador para que ela abrisse a porta. Minha mãe levantou-se com muito esforço e dirigiu-se à entrada da casa, onde a senhora já se encontrava.

-  **LÁPIDE**: pedra com inscrições construída em cima do túmulo
-  **ESPANCADA**: violentamente surrada
-  **RÍGIDA**: pessoa que não muda de opinião



— Boa-tarde! — disse ela. — Imagino que seja a senhora Copperfield.

— Sim — respondeu minha mãe, com a voz trêmula.

— Sou Betsey Trotwood. Já ouviu falar de mim?

— Sim, sim. Entre, por favor.

Minha tia-avó examinou toda a sala de estar, depois sentou-se perto do fogo e foi se aquecer. Queria conhecer o local onde o sobrinho vivera e morrera. Depois levantou os olhos e viu minha mãe enxugando as lágrimas que lhe caíam pelo rosto.

— O que é isso, minha filha? Por que está chorando? Será que seu marido lhe falou coisas tão terríveis assim a meu respeito?

Minha mãe, assustada pela proximidade do parto e com medo daquela senhora tão altiva e decidida, não conseguia parar de chorar.

— Vamos, deixe-me ver seu rosto — disse tia Betsey, aproximando-se de minha mãe e lhe tirando o gorro de lã que ela usava para aquecer a cabeça e o pescoço.

Os cabelos castanhos, longos e finos, caíram sobre o ombro de minha mãe, arrencando espanto de tia Betsey:

— Meu Deus, você é uma criança! Diga, para quando é o bebê?

— Acho que vou morrer — minha mãe conseguiu finalmente dizer. — Estou fraca demais.

— Não diga isso. Como se chama a sua criada? Vou pedir-lhe que traga um pouco de chá. Você precisa se acalmar.

— Peggotty.

— Que nome estranho — resmungou. — Peggotty, traga chá, a senhora Copperfield não está se sentindo bem! — gritou em direção à cozinha.

Enquanto o chá não vinha, tia Betsey sentou-se e disse a minha mãe:

— Não há por que ter medo. Assim que sua filha nascer, nós a chamaremos de Betsey Trotwood Copperfield. Eu serei sua madrinha e tratarei de ensiná-la a não confiar demais nas pessoas.

— Por que diz filha? — perguntou minha mãe. — Pode ser um menino...

— Será uma menina, tenho absoluta certeza.

Neste momento, Peggotty entrou na sala carregando a bandeja. Logo que viu o rosto de sua patroa, percebeu que a conversa com aquela senhora não estava lhe fazendo bem. A boa criada sugeriu que mamãe fosse se deitar no andar de cima.

— Chame também o doutor Chillip — pediu minha mãe, tentando andar sozinha. Sinto que a hora está chegando.

De fato, horas mais tarde meu choro se fazia ouvir pela casa. Tia Betsey esperava ansiosa no andar de baixo pela notícia do nascimento.

— Como ela está, doutor? — perguntou, logo que o médico desceu a escada.

— Muito bem. É uma mãe bastante jovem, porém corajosa e dedicada. Vai se recuperar rápido.

— Mas, e a menina? — insistiu.

— Como assim? — perguntou o doutor.

— A criança.

— O bebê é um menino.

Indignada, Betsey Trotwood pegou seu chapéu e atirou-o com força na testa do médico. Em seguida, colocou-o na cabeça e saiu, batendo a porta. Não voltou nunca mais.



Capítulo 2

O NOVO VIZINHO

Até meus cinco anos de idade, as únicas pessoas de quem me lembro bem são minha mãe e Peggotty. Mamãe era muito bonita, alta e magra, de cabelos compridos e olhar **ACOLHEDOR**. Peggotty era um pouco mais velha, também alta, porém de corpo bastante pesado. Era uma pessoa tão carinhosa, que sempre pegava-me no colo, rodava-me no ar e lia histórias para eu dormir. Foi um tempo muito feliz!

Um dia, pouco antes de eu completar seis anos, recebemos uma visita. Era um homem moreno, de bigodes, que havia se mudado para a casa ao lado da nossa. Apresentou-se como senhor Murdstone, nosso novo vizinho.

Minha mãe e ele tornaram-se amigos. Nas semanas seguintes, ela saiu quase todas as noites para jantar com o senhor Murdstone. Peggotty e eu ficávamos perto da lareira contando histórias um para o outro e dando risada dos personagens que inventávamos.

Em uma dessas noites, o senhor Murdstone fez questão de entrar em nossa casa para me cumprimentar. Aproximou-se do sofá onde eu estava e estendeu a mão. Imediatamente, empurrei o braço dele de perto de mim.

— David! — disse mamãe. — Não faça isso! Seja um bom menino e cumprimente meu amigo.

Eu continuei parado, sem falar, com a cabeça baixa.

— Vamos ser amigos, David — insistiu o vizinho.

Olhei para ele e vi seus olhos negros me fuzilarem. Não gostei do jeito dele, nem de seu jeito de falar. Sabia muito bem que, na verdade, ele só queria agradar minha mãe. Não tinha nenhum interesse em ser meu amigo. Corri para o meu quarto e fiquei escutando atrás da porta. O senhor Murdstone se despediu, enquanto mamãe falava:

— Não se preocupe, ele é um garoto educado. É tudo uma questão de tempo.

Nos dias que se seguiram, mamãe passou a andar assobiando pela casa. Peggotty parecia preocupada, mas feliz por ver minha mãe tão alegre. Um dia de manhã, pela primeira vez, escutei as duas brigando. Mamãe chorava e dizia:


— Não seja tão dura comigo, Peggotty. Você sabe que sou sozinha no mundo. Não acha que tenho o direito de ser feliz?

Peggotty também chorava:

— Mas senhora, temo por David. Ele não gosta do senhor Murdstone.

— Ele vai se acostumar — respondeu minha mãe.

Tentei falar com Peggotty sobre o que eu tinha escutado, mas ela me disse que depois conversaríamos. Eu não devia me preocupar. O tempo passou e, um dia, Peggotty me perguntou:

 **ACOLHEDOR:** que acolhe bem, abriga ou ampara



— Você gostaria de ir comigo para Yarmouth visitar meu irmão? Ele é um homem maravilhoso e poderá lhe mostrar os barcos, o mar e lhe apresentar aos pescadores.

— Mas, e mamãe? Ela não pode ficar sozinha.

— Ficaré na casa de um amigo. Além disso, nós passaremos apenas duas semanas fora. O que acha?

— Ótimo, Peggotty! Eu quero ir!

Assim que mamãe chegou em casa, fui correndo lhe perguntar se eu podia ir viajar. Ela não pareceu surpresa com a pergunta e respondeu que sim, com um sorriso nos lábios.

E assim, poucos dias depois, Peggotty e eu partimos em uma pequena **CARRUAGEM**. O **COCHEIRO** procurava desviar das pedras **SALIENTES** da estrada, enquanto Peggotty e eu dormíamos ou comíamos alguma coisa tirada de uma linda cesta de piquenique arrumada para a viagem.

Capítulo 3

FÉRIAS MARAVILHOSAS!

Assim que entramos em Yarmouth, senti o cheiro do mar. Peggotty viu alguém conhecido e pediu para o cocheiro parar.





— Lá está Ham, meu sobrinho!

Um rapaz sorridente, com os cabelos ruivos e cacheados, veio em nossa direção. Ele devia ter uns treze ou quatorze anos, era bem alto e um pouco gordo. Quando nos viu, abraçou Peggotty com carinho e me colocou nas costas dele. Fomos caminhando por uma rua à beira-mar bem movimentada. Atravessamos um campo verdinho, mais distante da cidade, e logo avistamos a casa dele.

— Pronto, chegamos! — anunciou Ham, empolgado com a nossa visita.

— Esta é sua casa? — perguntei, admirado.

Era, na verdade, um barco no meio da terra, como se estivesse **ENCALHADO**. Tinha, porém, portas e janelas. Fiquei entusiasmadíssimo com a ideia de passar duas semanas no interior de um barco. Dentro era tudo limpinho. Na sala havia caixotes de madeira, que eram utilizados para sentar, um relógio, uma mesa e um armário, onde os pratos, copos e talheres eram guardados. Meu quarto era a coisa mais linda que eu

-  **CARRUAGEM:** pequeno carro puxado por cavalos para carregar passageiros, diligência
-  **COCHEIRO:** indivíduo que guia os cavalos de uma carruagem
-  **SALIENTE:** que ressalta, que sobressai, que se eleva acima do plano em que se assenta
-  **ENCALHADO:** barco que fica preso em algum banco de areia ou na praia





já tinha visto. A cama era exatamente do meu tamanho e, da janela, era possível ver a cidade lá embaixo. Tinha também um espelho, tudo bem pequeno e arrumado.

Uma linda garotinha apareceu alguns minutos depois de entrarmos. Peggotty nos apresentou:

— Esta é Emily, minha sobrinha. Emily, venha conhecer David.

A menina, envergonhada, ficou com as bochechas vermelhas e saiu correndo. Em seguida, o irmão de Peggotty chegou. Seu nome era Dan Peggotty. Ele tinha braços musculosos e a pele queimada de sol. Devia ter mais ou menos uns quarenta anos. Abraçou a irmã e veio falar comigo:

— É um prazer receber você, David. Como vê, nossa casa é simples, mas somos pessoas de bem.

— Obrigado, senhor Peggotty — respondi.

— Pode me chamar de Dan. Agora vou tomar um banho.

Quando Dan voltou, parecia outra pessoa. No lugar do homem sujo de antes estava um rosto lavado, **CORADO** e, como antes, muito simpático. Peggotty me explicou que seu irmão pescava camarões, caranguejos e lagostas, depois me levou atrás da casa, onde havia um balde cheio desses **CRUSTÁCEOS**. Alguns ainda estavam vivos e se mexiam sem parar.

Na hora do jantar, sentamos nos caixotes em volta da mesa e comemos um delicioso peixe com batatas. A pequena Emily sentou-se no caixote menor ao meu lado. Perguntei a Dan:

— De onde você tirou o nome Ham para dar ao seu filho?

— Ham não é meu filho. É filho de um amigo, que morreu afogado.

— Mas Emily é sua filha, não é?

— Emily é filha de um irmão meu, que também morreu afogado.

Peggotty fez um sinal para que eu não fizesse mais perguntas, mas Dan olhou para mim e disse:

— Não se preocupe, não temos problemas em falar sobre isso. Ham e Emily são como meus verdadeiros filhos.

As duas crianças sorriram satisfeitas. Nós acabamos de jantar e fomos jogar cartas. Mais tarde, Peggotty me colocou na cama e explicou que seu irmão era um homem muito bom; jamais teria coragem de largar Ham e Emily no mundo, sem pai. Suas mães também já tinham morrido, por isso Dan havia se tornado pai e mãe deles.

Dormi, exausto da viagem. No dia seguinte, assim que o sol bateu no espelho do quarto e refletiu nos meus olhos, eu despertei. Depois do café da manhã, fui ver os barcos com a pequena Emily, que já não tinha mais vergonha de mim. Perguntei a ela:

— Você é uma boa marinheira?

— Não, não, tenho medo do mar. Já vi muitos barcos se despedaçarem nessas pedras.

— O barco onde seu pai morreu? — arrisquei.

— Não, eu não me lembro do meu pai.

— Também não conheci o meu. Ele está enterrado perto da minha casa.

— Meu pai era pescador e está em algum lugar deste mar enorme.



CORADO: vermelho no rosto



CRUSTÁCEO: pertencente à classe de artrópodes de respiração branquial, quase sempre aquático

— Dan é bom para você?

— É maravilhoso! Quero ser rica para dar a ele tudo o que o dinheiro puder comprar: ouro, roupas, uma casa maior, tudo!

A pequena Emily e eu ficamos muito unidos. Todos os dias, caminhávamos perto da praia e conversávamos bastante. Às vezes, quando Ham não precisava ajudar Dan na pescaria, ele nos acompanhava.

No dia de ir embora, percebi que estava apaixonado por Emily. Beijamo-nos atrás da casa e nos abraçamos com um aperto no peito. Aqueles quinze dias passaram voando e logo Peggotty e eu já estávamos dentro da carruagem, voltando para casa.

Capítulo 4

MINHA VIDA MUDA COMPLETAMENTE

Quando cheguei em casa, depois de uma longa e cansativa viagem, levei um susto enorme. Minha casa estava mudada, com móveis diferentes e até com uma nova criada. Chamei por mamãe, mas ela não foi me receber.

— Peggotty... — choraminguei —, onde está minha mãe? O que aconteceu?

— David, meu querido, eu não sabia como lhe dizer. Sua mãe se casou novamente.

— Com quem? Onde está ela? — perguntei, angustiado.

Mamãe estava sentada na sala. Seu olhar parecia triste, amedrontado. Ao lado dela, o senhor Murdstone lia o jornal. Corri para os braços dela, mas seu novo marido a **REPREENDEU**:

— Clara, contenha-se... — disse ele.


Mamãe apenas beijou minha testa e sentou-se de novo. **ATÔNITO**, fui até o meu quarto. Também estava completamente mudado. Deitei na cama e chorei, até pegar no sono.

Na manhã seguinte, uma carruagem parou em frente da casa trazendo a irmã do senhor Murdstone para morar conosco. Assim que chegou, olhou-me de cima a baixo e disse a minha mãe:

— Este deve ser seu filho, não é Clara? Não gosto de meninos!

Alguns dias depois, a senhorita Murdstone disse que mamãe era muito **DESLEIXADA**, por isso, a partir daquele dia, ela seria responsável pela casa. Percebi que isso deixou mamãe muito triste, mas ela se calou e aceitou as ordens da cunhada.

Durante seis meses, eu tive que estudar sozinho, na presença de mamãe, do senhor Murdstone e de sua irmã. Eu sentava na mesa da sala com os livros abertos e

 **REPREENDEU**: censurou, chamou a atenção, advertiu

 **ATÔNITO**: confuso, perturbado

 **DESLEIXADA**: descuidada, relaxada





lia alto, para todos escutarem. Quando eu errava, mamãe tentava me ajudar, mas seu marido quase sempre a impedia.

– A lição é dele, Clara. É ele que precisa aprender, não você — dizia.

– Este garoto não sabe nada — completava a senhorita Murdstone.

Um dia, o senhor Murdstone sentou-se ao meu lado e me mandou ler uma página do livro.

– Vamos, quero que leia sem nenhum erro — ordenou.

Comecei a suar frio de medo e as letras pareceram se embaralhar na minha frente. Li os parágrafos todos trocados, mal conseguindo pronunciar as palavras. Na mesma hora, meu padrasto me arrastou pelo braço até o quarto. Mamãe chorava, apavorada.

– Sabe o que eu faço com garotos que me desobedecem? — perguntou ele, aos berros. — O mesmo que faço com cavalos e cachorros desobedientes, dou-lhes uma surra.

– Por favor — implorei —, não me bata, eu vou aprender a ler direito!

O senhor Murdstone **IGNOROU** meu **APELO**. Ele colocou o braço em volta da minha cabeça e começou a me bater com uma vara de madeira. Mas eu fui mais rápido e mordi a mão dele com toda a força. Apanhei ainda mais forte e fui atirado ao chão, para dentro do quarto. Escutei quando ele passou a chave na porta.

Fiquei trancado durante cinco dias. A nova criada me trazia comida, mas não falava, nem me dirigia o olhar. Eu chorava de raiva. Uma noite, escutei batidinhas na porta do quarto. Aproximei-me e perguntei:

– Peggotty, é você?

– Sim, meu querido. Fale baixo para aquele homem horrível não escutar.

– O que vai acontecer comigo, Peggotty?

– Amanhã cedo você irá para uma escola perto de Londres. Não se preocupe, David. Vou estar sempre pensando em você e vou ficar aqui, cuidando de sua mãe.

No dia seguinte, sem nem poder tomar café da manhã, fui levado pela senhora Murdstone até a carruagem que me conduziria à escola. Minha mãe estava séria, não parecia triste com a minha partida. Quando a vi, não consegui conter as lágrimas.

– Mamãe, desculpe-me, por favor, perdoe-me — falei.

– Tente ser um bom menino, David. Você tem me desapontado muito — disse ela, sem me olhar nos olhos.

O cocheiro (que se chamava Barkis) partiu, levando-me com ele. Era o mesmo bom homem que havia dirigido a carruagem até Yarmouth, seis meses atrás. Meu coração estava despedaçado e eu não parava de chorar.

Logo que saímos, a carruagem parou e, de repente, minha querida Peggotty apareceu de trás de uma árvore. Ela me abraçou e me beijou, depois me deu vários presentes. Trouxe fatias de bolo embaladas uma a uma, uma carta amorosa de minha mãe e algumas moedas, que poderiam me ser úteis longe de casa. Demos um último abraço bem apertado e os cavalos seguiram viagem, deixando Peggotty na beira da estrada.

Enxuguei as lágrimas e comi um pedaço de bolo, sentindo-me um pouco melhor. Dei também uma fatia para Barkis, que comeu em uma dentada só.



IGNOROU: ficou indiferente, não tomou conhecimento



APELO: pedido

— Foi Peggotty que fez esse bolo? — perguntou.
— Sim, ela é a melhor cozinheira que eu conheço — respondi.
— Ela é casada?
— Não, é solteira.
— Pois eu me casaria com ela a hora que ela quisesse!
Dei risada e depois peguei no sono, embalado pelo balançar da carruagem.

Capítulo 5

A ESCOLA

Barkis me levou até a estação e eu segui de trem para Londres. Quando cheguei à capital inglesa, não havia ninguém me esperando. Fiquei andando de um lado para o outro carregando a minha mala, com medo de ter que passar a noite ali, sozinho.

Finalmente, depois de umas duas ou três horas, um senhor alto e muito magro apareceu e se apresentou:

— Sou o senhor Mell, um dos professores.

Ele me mostrou a escola, que mais parecia uma prisão. Os corredores escuros e longos estavam vazios, pois era época de férias. Assim que cheguei, o senhor Mell pregou um papel nas minhas costas escrito: “Cuidado, ele morde!” Aquilo me fez sentir como um criminoso.

Durante um mês, tive aulas todos os dias com o senhor Mell e dormi sozinho em um dormitório cheio de camas vazias. Quando as luzes se apagavam, eu chorava baixinho, pensando em mamãe e no carinho de Peggotty.

Quando as férias terminaram, fui levado para falar com o diretor, o senhor Creakle. Era um homem velho e **RABUGENTO**. Entrei na sala tremendo de medo, todo encolhido.

— Então quer dizer que você morde, Copperfield? — ele perguntou.

Não respondi e senti o sangue ferver no meu rosto.


— Pois saiba que sou um homem rígido. Não tolero garotos que desobedeçam às regras da escola.

— Sim, senhor — sussurrei.

— Agora saia e lembre-se do que eu disse!

Logo os alunos começaram a chegar. O primeiro que conheci foi Tommy Traddles. Ele era da minha idade e foi muito legal comigo. Quando viu o papel pregado nas minhas costas, levou-me para perto dos outros garotos e disse:

— Olhem só o que Creakle inventou desta vez...

 **RABUGENTO**: mal-humorado, impertinente





Todos os garotos tiveram pena de mim, com exceção de um ou dois, que riram da minha cara e me chamaram de “cachorro louco”. Ninguém gostava da escola, nem do senhor Creakle.

Outro menino que tive sorte em conhecer foi J. Steerforth. Ele era uns seis anos mais velho do que eu e muito inteligente. Disse que aquele papel nas minhas costas era pura crueldade do diretor. Logo que o conheci, Steerforth me perguntou se eu tinha algum dinheiro. Mostrei-lhe, satisfeito, minhas moedas e ele se ofereceu para tomar conta delas. Entreguei-lhe todo o meu dinheiro. No dia seguinte, ele me perguntou se eu gostaria de comprar um pouco de vinho e alguns biscoitos para os meninos do dormitório. Ele conhecia uma maneira de conseguir esses produtos fora da escola. Eu concordei, pois queria fazer amizade com os alunos. Estava cansado de ficar sozinho. Steerforth gastou todas as moedas, mas pelo menos fizemos uma grande festa depois que os professores foram dormir.

No dia seguinte, as aulas começaram. O senhor Creakle entrou na sala para **INSPECIONAR** os alunos e as carteiras. Quando se aproximou de mim, deu-me um tapa com a vareta que carregava.

– Ah, você gosta de morder, não é, Copperfield? Pois isto é para você lembrar que eu gosto de bater! – gritou.

O senhor Creakle foi o pior professor que eu já conheci. Ele tinha prazer em surrar as crianças. O único que não apanhava era Steerforth, pois seus pais tinham muito dinheiro. Steerforth me protegia dos outros garotos, mas nem ele conseguia evitar que o senhor Creakle me batesse.

Um dia, Dan Peggotty e Ham foram me visitar. Fiquei muito feliz! Perguntei sobre a pequena Emily e Dan me falou:

– Ela está se tornando uma linda moça... Não é verdade, Ham?

Ham concordou e sorriu, meio envergonhado. Nessa hora, Steerforth apareceu. Apresentei meu amigo para o irmão e o sobrinho de Peggotty. Eles gostaram de saber que eu tinha um “protetor” na escola. Disseram que Peggotty se preocupava muito comigo.

– Steerforth é muito bom para mim. Quando eu for visitar Yarmouth, posso levá-lo comigo? – perguntei a Dan.

– É claro que pode. Teremos prazer em recebê-lo – respondeu ele.

Os dois visitantes levaram três sacolas enormes cheias de peixe para mim. Steerforth e eu escondemos as sacolas embaixo da cama e, à noite, conseguimos entrar na cozinha para preparar um farto jantar. Todos os meninos do dormitório comeram à vontade.

Passei o resto do semestre apanhando do senhor Creakle, estudando e contando os dias para as aulas terminarem. Quando finalmente as férias chegaram, fui para casa.



INSPECIONAR: revistar, vistoriar

Capítulo 6

TEMPOS DIFÍCEIS

Quando cheguei, apenas mamãe e Peggotty estavam em casa. As duas abraçaram-me, beijaram-me, até dançaram comigo. Que felicidade! Contei às duas sobre os terríveis dias na escola e elas me abraçaram ainda mais, como se quisessem compensar o tempo longe de mim e apagar minhas lembranças tristes.

Mais tarde, quando o senhor Murdstone e sua irmã chegaram, mamãe me pediu para ir para o quarto. Peggotty subiu a escada comigo e me colocou na cama. Perguntei a ela:

— Mamãe está doente, Peggotty? Ela parece tão **ABATIDA**...

— Está apenas cansada. Não se preocupe, querido, vou estar sempre ao lado dela, você sabe.

— Mas, e se você se casar, quem vai cuidar de mamãe? — perguntei.

— Eu, casar? E quem vai querer casar comigo, David?

— Barkis, o cocheiro.

— Como? Quem lhe disse isso?

— Ele mesmo, quando me levou para pegar o trem.

— Vamos, deixe de bobagem e vá dormir. Você deve estar cansado.

Peggotty beijou minha testa e saiu com um sorriso iluminando seu rosto. Mais tarde, mamãe entrou **SORRATEIRAMENTE** no quarto e ajeitou minhas cobertas.

O senhor Murdstone não me dirigiu a palavra na manhã seguinte. Sua irmã me perguntou:

— Quanto tempo duram as suas férias?

— Um mês — respondi.

Ela então me mostrou um calendário, onde iria riscar cada dia que passava e calcular quanto tempo restava para eu voltar à escola. Mamãe estava mesmo parecendo doente, pálida e triste. Na frente do senhor Murdstone, ela baixava a cabeça e nem olhava para mim. Só Peggotty me tratava com carinho.

Uma noite, percebendo que eu sempre ficava na cozinha depois do jantar, o senhor Murdstone me puxou pelo braço e disse:

— A partir de hoje, não quero ver você metido na cozinha com os empregados. Chega de ficar agarrado com essa Peggotty.

Toda noite, eu tinha que me sentar perto da lareira e esperar a hora de ir dormir. As férias foram tão ruins quanto a escola. Por isso, não me importei quando precisei tomar o trem para Londres novamente.

Na escola, a vida não mudou, mas pelo menos eu não recebi o papel nas costas, como no semestre anterior. Cerca de dois meses depois de eu ter voltado, fui chamado na sala do senhor Creakle. Era o dia do meu aniversário, por isso fui animado, esperando

 **ABATIDA:** enfraquecida, desanimada

 **SORRATEIRAMENTE:** disfarçadamente





que Peggotty estivesse ali para me visitar. Mas, em vez de Peggotty, a senhora Creakle estava ao lado do marido, com uma carta na mão. Os dois olharam bem nos meus olhos assim que entrei, o que me deixou assustado e com medo.

– Sente-se aqui — disse a senhora Creakle, puxando uma cadeira.

– O que foi? — perguntei timidamente.

– Escute, David — ela começou a falar, com uma voz carinhosa —, recebemos uma notícia triste. Sua mãe andava muito doente nos últimos tempos. Hoje de manhã, esta carta chegou informando-nos de que ela morreu.

Chorei sem parar. Não podia acreditar no que eu estava ouvindo. No dia seguinte, fui para casa. Peggotty me esperava no portão e eu me atirei nos braços dela. Nós dois choramos muito. O senhor e a senhorita Murdstone não falaram comigo. Mamãe foi enterrada ao lado de papai. Olhei para minha antiga casa quando saí da igreja e concluí que toda a alegria e o amor tinham sido arrancados de lá.

Depois do enterro de mamãe, as coisas mudaram completamente. Peggotty foi mandada embora e decidi se mudar para Yarmouth, assim ficaria mais perto de seu irmão. Duas semanas depois, ela se casou com Barkis.

Fiquei feliz por ela, mas minha vida passou a ser muito solitária. Eu não tinha com quem conversar e passava os dias sem fazer nada, trancado em casa. Uma noite, o senhor Murdstone me chamou e disse:

– Amanhã você vai para Londres. Um amigo meu, o senhor Quinion, vai lhe dar um emprego na empresa Murdstone & Grinsby. É um negócio de vinhos, você já deve ter ouvido falar. Um rapaz da sua idade não pode ficar parado.

E assim, mal acordei e já estava no trem, ao lado do senhor Quinion, em direção a Londres. Assim que chegamos, fomos para a empresa. Passei o dia lavando e etiquetando garrafas, que seriam depois enchidas de vinho. Muitos garotos trabalhavam junto comigo, mas precisávamos ficar em silêncio enquanto fazíamos o serviço.

À noite, depois do trabalho, o senhor Quinion me apresentou um homem alto, gordo e careca que estava a minha espera. Ele andava apoiado em uma pequena bengala e usava óculos com lentes bem grossas.

– Este é o senhor Micawber. Ele irá hospedá-lo por um tempo.

Recebi algumas moedas como pagamento pelo dia de trabalho e segui junto com o senhor Micawber até a casa dele. O local era pobre, mas fui recebido com carinho. Além de mim, a senhora Micawber precisava cuidar de suas três crianças, um bebê, uma menina e um menino. Ela nos preparava uma xícara de leite de manhã e um pedaço de pão quentinho antes de dormir. Durante o dia, eu almoçava no trabalho.

Eu gostava muito da família Micawber e queria ajudá-los, mas as moedas que ganhava iam quase todas no almoço. De vez em quando, eu conseguia economizar alguns centavos e entregar para o senhor Micawber. Ele ficava muito feliz, pois estava sempre devendo dinheiro para as pessoas.

Um dia, a polícia o levou preso. Fui visitá-lo na cadeia e ele me disse:

– Nunca gaste mais do que você tem, David, para não acabar como eu.

Fiquei triste por ele e procurei ajudar sua esposa, que agora teria que sustentar a família sozinha. Para isso, muitas vezes eu ficava sem almoçar e lhe entregava o dinheiro do dia de trabalho.

Quando o senhor Micawber foi solto, eles resolveram mudar para Plymouth, onde a família da senhora Micawber morava. Tinham esperança de que lá seria mais

fácil para o senhor Micawber arrumar um emprego. Levei-os até o trem e os vi partir com tristeza no coração. Fui trabalhar e, durante o dia, pensei: “Não vou mais ficar aqui. Vou fugir, vou procurar minha tia Betsey”.

Capítulo 7

TIA BETSEY

Durante o tempo que passei em casa, nas férias, ouvi mamãe dizer a Peggotty que tia Betsey estava morando em Dover. No mesmo dia em que os Micawber partiram, vendi meu casaco em uma loja, para ter algum dinheiro, e comecei a viagem até lá.

Pedi a um jovem cocheiro se ele me levaria para Dover por uma pequena quantia. Ele sorriu e colocou minha mala na carruagem. Quando eu ia subir, o rapaz disparou com o cavalo e fugiu com as minhas coisas. Fiquei sem roupas, objetos pessoais e apenas com algumas moedas no bolso.

Não tive outra alternativa senão caminhar. Andei durante cinco dias. À noite, eu dormia embaixo de alguma árvore para me proteger do vento. Gastei minhas moedas em um saco de pão, que me serviu de **SUSTENTO** durante todo o **PERCURSO**. Pedi água em algumas casas no caminho.

Quando cheguei a Dover, perguntei a uma moça se ela conhecia a senhora Trotwood.



- Eu trabalho para ela — disse a moça.
- Será que pode me levar até a casa dela? — pedi.
- O que quer, menino, dinheiro?
- Quero apenas falar com ela. Por favor!

A moça ficou olhando para minhas roupas rasgadas e imundas. Pensou um pouco e depois acabou me levando até tia Betsey. Era uma casa linda por fora, toda arrumada, com um gramado na frente e flores na entrada. Pedi que eu esperasse no portão. Uma senhora apareceu na porta e gritou:

- Vá embora! Não quero meninos nesta casa!
- Por favor, tia Betsey, sou seu sobrinho-neto.
- Meu Deus! — exclamou ela, indo abrir o portão.

— Meu nome é David Copperfield. Minha mãe morreu e eu não tenho mais ninguém. Vim a pé até aqui. Faz cinco dias que não durmo numa cama — disse.

Tia Betsey me fez entrar, tomar um banho quente e engolir uma colher de um remédio amargo. Depois ela me enrolou em vários cobertores e disse que eu podia descansar e dormir tranquilo. Quando acordei, jantamos uma sopa maravilhosa e eu expliquei toda a minha situação para ela.

-  **SUSTENTO**: aquilo que serve de alimento
-  **PERCURSO**: trajeto, caminho





— O que vai fazer, tia Betsey? — perguntei, diante do silêncio dela.

— Vou chamar o senhor Murdstone.

Implorei para ela não fazer isso, mas ela insistiu e lhe escreveu uma carta. Dois dias depois, os cavalos do meu padrasto estavam em cima da grama de tia Betsey. A primeira coisa que ela fez foi exigir que a carruagem parasse na rua, depois recebeu o senhor Murdstone e sua irmã.

— Este menino é um problema, senhora Trotwood. Arrumei-lhe um emprego em uma ótima firma de Londres e veja o que ele aprontou! Fugiu e veio até aqui.

— Quero saber por que não deu dinheiro ao garoto. Sua esposa certamente deixou uma casa e dinheiro para o filho.

— Minha falecida esposa me deixou tudo o que tinha porque sabia que eu cuidaria do menino.

— Sua esposa era muito imatura, não sabia nada da vida. O que pretende fazer, senhor Murdstone?

— Vim buscar David.

Corri para perto de tia Betsey e implorei:

— Por favor, tia Betsey, não deixe que me levem. Eu odeio meu padrasto e sua irmã. Ele já me bateu e ela me trata pior do que a um cachorro de rua.

Minha tia olhou bem para o senhor Murdstone e disse:

— Pode ir embora. O garoto fica comigo.

Como os Murdstone não se mexeram, ela gritou:

— Vamos, sumam daqui, já disse! E nunca mais coloquem seus cavalos sobre a minha grama!

Assistimos pela janela à partida dos dois. Abracei e beijei tia Betsey. Ela sorriu, satisfeita. Graças a Deus, nunca mais vi o senhor e a senhorita Murdstone.

Capítulo 8

O ESTRANHO URIAH HEEP

Aos poucos, tia Betsey começou a **SE AFEIÇOAR** a mim. Fiquei feliz em viver com ela, em uma casa boa e aconchegante. Conversávamos bastante e eu a ajudava no que fosse preciso. Um dia, ela me disse:

— David, você precisa voltar a estudar. Amanhã vamos até Canterbury falar com meu advogado, o senhor Wickfield. Ele certamente me indicará uma boa escola por lá.

Quando chegamos à casa do advogado, no dia seguinte, um homem muito magro, com cabelos curtos e vermelhos veio abrir a porta.

— Bom-dia, Uriah Heep. O senhor Wickfield está? — perguntou tia Betsey.



SE AFEIÇOAR: ter afeto, simpatia, amor por alguém

— Entre, senhora Trotwood, meu patrão está no escritório.

Tia Betsey me apresentou ao advogado e perguntou se ele conhecia uma boa escola para mim. Ele explicou que havia uma ótima escola em Canterbury, mas os alunos não podiam dormir lá.

— Se a senhora quiser, David pode viver aqui comigo e com minha filha Agnes.

Tia Betsey aceitou a oferta e, a partir daquele dia, passei a morar em Canterbury. Uma vez por mês, eu ia para Dover fazer uma visita.

Agnes era um encanto de garota. Sua mãe tinha morrido, por isso ela era responsável pela casa. Toda noite, sentávamos à mesa junto com o senhor Wickfield, comíamos e depois ficávamos bastante tempo conversando. Às vezes jogávamos baralho e ríamos, inventando jogos e regras novas. O senhor Wickfield sempre bebia muito durante o jantar, depois ia dormir cedo.

A escola era muito melhor do que a do senhor Creakle. Eu precisei estudar dobrado para acompanhar os outros alunos, mas o diretor, o senhor Strong, elogiou minhas notas. Eu gostava de ir à escola, mas ficava feliz em voltar para casa à noite, assim poderia ficar perto de Agnes.

Uma noite, quando todos já estavam dormindo, vi luz no escritório. Abri a porta e vi Uriah Heep lendo. Aproximei-me dele e falei:

— Nossa, Uriah, você também está estudando?

— Sim, estou estudando Direito — ele respondeu. — O senhor Wickfield é uma ótima pessoa e está me ensinando.

— Que bom! — exclamei. — Quem sabe, um dia, você não se transforme em um advogado famoso? Poderá cuidar dos negócios do senhor Wickfield quando ele ficar mais velho.

— Imagine, senhor Copperfield, sou um homem humilde. Minha mãe também é pobre. Nós moramos em uma casa simples. Se quiser, vá tomar um chá conosco qualquer dia. Então poderá ver que não passamos de uma família muito humilde.

— Irei sim, Uriah — respondi.

Ele fechou o livro e foi para casa. Eu também fui dormir. Duas semanas depois, quando eu voltava de Dover, encontrei Uriah na rua por acaso. Ele abriu um sorriso e disse:

— Senhor Copperfield, eu o convidei, mas nunca imaginei que fosse aceitar. Vamos, aquela é minha casa — mostrou-me, apontando para um pequeno casebre na esquina.

Como eu não queria magoá-lo, entrei para tomar um chá. Era um lugar realmente pobre. Uriah e sua mãe me fizeram inúmeras perguntas sobre tia Betsey e sobre minha vida antes da mudança para Canterbury. Achei-os um pouco indiscretos e não gostei muito de estar ali. De repente, um homem passou na rua e olhou para dentro da casa, que estava aberta. Ele deu dois passos para frente e depois voltou, olhando para dentro novamente.

— David? David Copperfield? — perguntou, **INCRÉDULO**.

— Sim, sou eu! Senhor Micawber, quanto tempo! Pensei que o senhor estivesse em Plymouth.

— Nós fomos até lá, mas, como eu não arrumei emprego, resolvemos tentar a vida em Canterbury. Ainda estou desempregado, mas tenho fé de que logo encontrarei alguma coisa.

 **INCRÉDULO:** que não acredita





Disse a ele que estava tomando chá com Uriah e sua mãe. Ele falou, com um enorme sorriso no rosto:

— Se vocês são amigos de Copperfield, são meus amigos também.

Eu não queria mais ficar naquela casa, por isso sugeri ao senhor Micawber que fôssemos visitar sua esposa. Despedimo-nos e saímos, falando alto e colocando as novidades em dia. Contei aos Micawber sobre minha viagem a Dover a pé e sobre minha mudança de vida. Os dois ficaram satisfeitos por eu estar vivendo melhor.

Algumas semanas depois, vi o senhor Micawber e Uriah Heep andando juntos na rua. Pareciam alegres, pois riam bastante. Aquilo me deixou um pouco preocupado. Na semana seguinte, jantando na casa dos Micawber, comentei o assunto.

— Ah, sim — disse o senhor Micawber —, Uriah me convidou para tomar um pouco de whisky. Foi uma noite agradável. Uriah é um homem inteligente, que entende meus problemas. Um dia ele ainda vai me ajudar...

Capítulo 9

ENCONTRO COM STEERFORTH

Os anos se passaram e eu terminei meus estudos. Estava com quinze anos. Voltei a morar em Dover com tia Betsey. Foi ruim me despedir de Agnes.

— Vou sentir muito sua falta — eu disse.

Ela sorriu e me deu um abraço. Depois me perguntou:

— David, você sentiu alguma mudança no meu pai?

— Acho que ele está bebendo muito, Agnes. Suas mãos começaram a tremer ultimamente e ele, muitas vezes, não consegue falar as coisas com clareza. Sempre que acontece isso, Uriah quer a ajuda do senhor Wickfield. Como seu pai não consegue explicar os negócios direito, fica preocupado e bebe ainda mais.

— Parece que Uriah tem algum tipo de influência sobre meu pai.

Ficamos pensativos, sem saber o que falar sobre isso. Fui para Dover e, logo depois, resolvi ir visitar Peggotty em Yarmouth. Tia Betsey me deu algum dinheiro para a viagem. Eu estava feliz da vida, me sentindo um homem de verdade, apesar de só ter quinze anos. Resolvi passar a noite em Londres, antes de ir para a cidade de minha antiga babá. Instalei-me em um hotel, assisti a uma peça de teatro e, na saída, fui jantar em um restaurante próximo. Era quase meia-noite, quando vi um rapaz alto e bem-vestido entrar no salão onde eu jantava.

— Steerforth! — gritei. — É você?

Ele demorou um pouco para me reconhecer, mas logo veio apertar minha mão. Pediu ao garçom uma garrafa de vinho e nós passamos um bom tempo contando o que tinha nos acontecido depois que fui embora da escola do senhor Creakle.

— O que você está fazendo em Londres? — perguntei.

— Estudo em Oxford, Copperfield. Estou de férias da universidade. E você, o que faz por aqui? Não disse que mora em Dover?

— Estou só de passagem. Amanhã cedo sigo para Yarmouth. Vou visitar Peggotty, minha antiga e querida babá.

— Yarmouth? Eu gostaria de ir com você. Lembro bem daqueles pescadores que nos levaram sacolas de peixes uma vez.

Fiquei surpreso, mas contente por ter uma companhia. Ao chegarmos a Yarmouth, fui ver Peggotty, enquanto Steerforth foi se hospedar em um hotel. Ela estava na cozinha e me deu as boas-vindas com um delicioso bolo de cenoura. Depois me levou até Barkis, que estava doente, no andar de cima.

— Você tinha razão, David — ele me disse. — Naquele dia em que eu o levei para a estação de trem, você falou que Peggotty era a melhor cozinheira que conhecia. Pois saiba que ela é muito mais que isso, é a melhor mulher do mundo.

Mais tarde, Steerforth jantou conosco. Ele demonstrou ser uma pessoa divertida, cheia de energia. Peggotty gostou dele. Depois do jantar, fomos visitar o irmão de Peggotty, Ham e a pequena Emily, que já não era mais tão pequena. Transformara-se em uma linda moça, mas não tinha perdido o jeito tímido. Quando nos viu entrar na casa-barco, corou como da primeira vez que a vi.

— Chegaram em uma ótima hora — disse Dan Peggotty. — Ham e Emily acabam de me comunicar que vão se casar.

— Parabéns! — exclamou Steerforth, cumprimentando todos.

Sentamos perto da lareira e ficamos conversando. Steerforth parecia muito à vontade. Todos se admiraram com suas histórias e seu jeito envolvente de falar. Percebi que os olhos de Emily brilhavam. Fomos embora pouco antes da meia-noite.

No caminho de volta à cidade, Steerforth me falou:

— Emily é uma menina linda! Ham é grosseiro demais para ela. Emily devia se casar com um homem mais **CULTO**, alguém que possa lhe dar uma vida confortável.

Aquele comentário me **SURPREENDEU**, pois Steerforth tinha se dado muito bem com Ham. Os dois riram e conversaram como grandes amigos. Fiquei chateado, mas achei melhor não dizer nada. Fui para a casa de Peggotty e Steerforth caminhou até o hotel.

Durante as duas semanas que passamos em Yarmouth, fiz bastante companhia à Peggotty. Steerforth saía para pescar com Dan. À noite, quando eu ia até a casa-barco, Steerforth estava sempre lá.

Na noite antes de irmos embora, fui até a casa de Dan Peggotty me despedir e encontrei Steerforth sozinho, sentado na sala. Ele se assustou quando me viu entrar.

— Algum problema? — perguntei.

— Eu não esperava você, é só isso. Sabe, vou sentir falta daqui — disse. — Descobri que quero velejar minha vida inteira.

Eu não falei nada. Ele ficou pensativo e continuou:

— Vou voltar logo para cá. Quero comprar um barco e colocar o nome de *A Pequena Emily*. Preciso vir mais para Yarmouth; não sabia que este lugar era tão bom.

No dia seguinte, fomos embora e eu voltei para a casa de tia Betsey.



CULTO: educado, inteligente



SURPREENDEU: pegou de surpresa



Capítulo 10

O GOLPE DE URIAH HEEP

Depois do tempo de descanso em Yarmouth, decidi que queria estudar Direito. Tia Betsey ficou muito feliz com isso e me levou até Londres para falar com o senhor Spenlow, um famoso advogado sócio da firma Spenlow & Jorkins. O simpático senhor resolveu me dar aulas. Apesar do alto custo dos estudos, tia Betsey fez questão de investir no meu futuro.

— Quero o melhor para você, David — ela disse.

Fui morar em um quarto alugado na casa da senhora Crupp, também conhecida de minha tia. Fiquei feliz em ter um lugar só meu, pois o quarto era amplo, tinha banheiro próprio e até uma pequena saleta **IMPROVISADA**. Porém, sentia-me bastante sozinho. Tinha saudades de Agnes.

Uma noite, Steerforth apareceu por lá com alguns amigos. Jantamos uma deliciosa refeição preparada pela senhora Crupp, bebemos muito vinho e fomos ao teatro. Eu estava empolgado por causa da bebida, falava alto e quase fui retirado do teatro por fazer barulho.

De repente, vi Agnes no meio da **PLATEIA**. Levantei e fui andando até ela no meio dos espectadores. Quando me viu, Agnes logo percebeu que eu bebera demais. Olhou firme para mim e, em vez de me abraçar, falou:

— Vá para casa!

Fiquei com vergonha e me retirei. No dia seguinte, recebi um bilhete de Agnes dizendo que ela estava hospedada na casa de um amigo de seu pai, o senhor Waterbrook. O endereço seguia abaixo. Fui imediatamente para lá. Ela sorriu quando eu entrei.

— Desculpe-me, Agnes. Estou tão envergonhado por ontem à noite — falei.

— Não estou chateada com você, David, mas sim com aquele seu amigo.

— Steerforth? — perguntei, sem compreender.

— Sim, ele é péssima companhia para você. Acho que é um rapaz perigoso e temo que ele o leve para caminhos incertos.

Tentei argumentar, mas Agnes me cortou:

— Você viu Uriah?


— Uriah Heep? Ele está aqui?


— Sim, está lá embaixo. Está se preparando para assumir parte dos negócios de papai.

— Meu Deus, Agnes, Uriah será sócio de seu pai?

— Uriah está controlando a vida de papai. Ele está praticamente obrigando-o a dividir a empresa.

A esposa do senhor Waterbrook nos interrompeu e me convidou para o almoço. Muitas pessoas foram almoçar lá, inclusive Uriah Heep. Ele, como sempre, fez

 **IMPROVISADO:** arranjado, sem preparação prévia

 **PLATEIA:** espectadores sentados, em um teatro, entre o palco e os camarotes



questão de se mostrar um homem muito humilde. Uma outra pessoa que apareceu foi Tommy Traddles, meu antigo colega na escola do senhor Creakle. Fiquei feliz em vê-lo, mas, como sentamos em lados opostos da mesa, não pudemos conversar. Tommy saiu logo depois de comer.

Depois do almoço, despedi-me de Agnes. Uriah me acompanhou até a porta.

— Senhor Copperfield, por acaso ouviu falar que eu vou me tornar sócio do senhor Wickfield? — perguntou.

— Sim, Uriah.

— Ainda me lembro quando o senhor disse que eu seria um grande advogado, que talvez eu pudesse cuidar dos negócios do senhor Wickfield.

— É verdade, eu também me lembro disso.

— É difícil, mas às vezes até as pessoas mais simples conseguem subir na vida. O senhor Wickfield é um homem muito generoso, mas está perdendo o controle dos negócios. Como ele sempre foi bom para mim, vou ajudá-lo. Qualquer outra pessoa em meu lugar tiraria vantagem da situação dele.

Não falei nada, mas ele continuou:

— Vou contar-lhe um segredo, senhor Copperfield. Sou um homem pobre, mas confesso que estou apaixonado por Agnes. Quem sabe, se eu ajudar o senhor Wickfield, ele me deixe casar com sua filha?

Tive vontade de pular no pescoço de Uriah Heep, mas me controlei. Disse boa-tarde e fui embora.

Capítulo 11

PROBLEMAS DO CORAÇÃO

À medida que o tempo passava, eu ia me interessando mais e mais pela advocacia, embora alguma coisa dentro de mim dissesse que eu seguiria outra carreira profissional. Um dia, o senhor Spenlow me convidou para passar o final de semana em sua casa de campo. Era um lugar calmo e muito bonito. Assim que chegamos, ele me mostrou a casa e me levou até o jardim, onde uma linda moça estava tomando sol.

— Esta é minha filha Dora, Copperfield — apresentou-me.

Subitamente, senti as pernas **TRÊMULAS**. Aquela moça parecia uma anjo de tão linda. Apaixonei-me assim que a vi e passei o resto do dia sonhando com seu sorriso. No dia seguinte cedo, saí para caminhar e encontrei Dora passeando com seu cachorrinho.

— Acordou cedo, senhorita Spenlow — disse eu.

— Está um dia muito bonito, senhor Copperfield. Para que ficar dormindo?

Dei risada e ofereci-me para acompanhá-la no passeio. Passamos o domingo conversando. O senhor Spenlow pareceu feliz em ver que sua filha e eu tínhamos nos dado bem.

 **TRÊMULAS:** que tremem





De volta a Londres, eu não conseguia tirar Dora da minha cabeça. Passava as noites em claro e quase não comia. A senhora Crupp percebeu minha angústia e veio falar comigo:

— Você está apaixonado, David. Vejo nos seus olhos que está sofrendo por amor.

Olhei para ela e concordei, um pouco tímido. Ela, então, **ACONSELHOU**-me:

— Você é muito jovem. Se essa moça não lhe quiser, outras irão gostar de você. Por isso, saia com seus amigos, divirta-se um pouco.

Aceitei o conselho e fui procurar Tommy Traddles. Durante o almoço na casa do senhor Waterbrook, eu anotara seu endereço em um pedaço de papel. Ele morava em uma rua bastante pobre. Tommy me recebeu muito bem. Jantamos e conversamos sobre os tempos de escola.

— O que está fazendo atualmente, Tommy? — perguntei.

— Sou advogado — ele respondeu. — Estou estudando com o senhor Waterbrook, por isso nos encontramos no almoço aquele dia.

— Que bom, poderemos ser sócios um dia — brinquei.

Ele sorriu e falou:

— Tenho uma novidade, Copperfield. Vou me casar. O nome dela é Sophie e eu a amo demais. Mas nós vamos ter que esperar bastante, pois ainda não tenho muito dinheiro.

— Meus parabéns! — disse eu.

Neste momento, alguém bateu na porta. Eu não podia acreditar, era o senhor Micawber.

— Não é possível! — exclamou ele. — David Copperfield! Não acredito que estamos nos encontrando de novo.

Os Micawber estavam morando em Londres e eram, agora, vizinhos de Tommy Traddles. O senhor Micawber ainda não tinha encontrado um emprego, mas fazia diversos trabalhos para conseguir sustentar a família. Fui até o apartamento dele e a senhora Micawber ficou muito feliz em me ver. Passamos o resto da noite conversando, Tommy, os Micawber e eu. Antes de ir embora, cochichei no ouvido de Tommy:

— O senhor Micawber é uma ótima pessoa, mas vive pedindo dinheiro emprestado. Já que você está querendo economizar para o casamento, é melhor não lhe dar nada, pois ele nem sempre paga.


— Não se preocupe, Copperfield, eu não tenho dinheiro mesmo — falou, em tom de brincadeira.

No dia seguinte, recebi uma carta de Peggotty, avisando sobre a morte de Barkis. Disse ao senhor Spenlow que precisava me ausentar por alguns dias e parti para Yarmouth. Fiquei ao lado de minha antiga babá e confortei-a o tempo todo.

Uma noite, fomos ver Dan Peggotty. A casa-barco estava quente e aconchegante. Sentamos perto da lareira e Dan me agradeceu pelo apoio que eu estava dando a sua irmã. De repente, Ham entrou, pálido e nervoso.

— Onde está Emily? — Dan perguntou.

Ham não respondeu, apenas estendeu uma carta para que eu lesse. Perguntei se podia ler alto e ele disse que sim. A carta era dirigida a Ham e a Dan Peggotty:

 **ACONSELHOU:** deu conselho, avisou, orientou

“Quando vocês lerem isto, já estarei longe de Yarmouth. Vou me casar com Steerforth, pois desejo ser uma dama. Ham, desculpe-me por tudo. Espero que você encontre uma boa moça, que seja mais verdadeira do que eu. Nunca me esquecerei de você, Dan, meu pai do coração. Amo vocês, Emily”.

— Steerforth? — gritei. — Eu o trouxe aqui, a culpa é toda minha!

Dan pegou algumas roupas, colocou-as em uma mochila e abriu a porta.

— Seu amigo é culpado da nossa infelicidade, não você, David. Vou atrás de Emily, não tentem me impedir.

Ham não aguentou e caiu no choro. Peggotty o abraçou e Dan partiu para Londres. Fiquei mais um dia em Yarmouth, depois precisei voltar para o trabalho.

Capítulo 12

MUITA FELICIDADE E TRABALHO

Fiquei um bom tempo sem saber notícias de Dan Peggotty. De vez em quando, eu pensava em Emily. Será que ela estava apaixonada por Steerforth, ou fora atraída pela possibilidade de uma vida mais rica? “Pobre Ham”, eu pensava.

Um dia, o senhor Spenlow me perguntou se eu gostaria de ir novamente até sua casa de campo. Era aniversário de Dora. Meu coração se encheu de alegria. Vesti a roupa mais elegante que eu tinha, comprei flores e fui, na carruagem do senhor Spenlow, para a festa da minha amada.

Chegando lá, conheci a senhorita Julia Mills, melhor amiga de Dora. As duas estavam sentadas no jardim, esperando os outros convidados. Dora era realmente a criatura mais linda que existia. Tinha o rosto iluminado de tanta beleza; seus olhos transmitiam bondade e paz. Entreguei-lhe as flores e ela agradeceu com um sorriso contagiante.

Aos poucos, as pessoas foram chegando para a festa. Fui ficando cada vez mais irritado, pois Dora circulava animadamente entre os convidados, sem parecer se importar comigo. Um rapaz de cabelos vermelhos, em especial, deixou-me com ciúmes. Ele não saía do lado da aniversariante, dando-me a impressão de que os dois eram muito mais do que amigos.

Resolvi ir caminhar para pensar um pouco. De repente, senti uma mão suave em meu ombro. Era Julia Mills, que fora atrás de mim.

— David — disse ela —, você está pensando que Dora gosta daquele rapaz, não é?

ASSENTI com a cabeça.

— Não seja bobo, David. Dora está apaixonada por você.

— Está falando sério?





— É claro que sim, sou a melhor amiga dela.

Quase pulei de felicidade. Esperei os convidados irem embora, tomei coragem e me aproximei de Dora. Ela corou e baixou a cabeça, sorrindo timidamente.

— Pre... preciso lhe dizer uma coisa — falei. — Eu... eu te amo, minha querida Dora. Diga, você quer se casar comigo?

Dora começou a chorar de emoção e correu para os meus braços. Ficamos um tempo abraçados, enquanto seu cachorrinho pulava e latia, todo animado, ao nosso redor. Dora era finalmente minha.

Quando cheguei em casa naquela noite, levei um susto. Tia Betsey estava lá, com muitas malas e objetos pessoais.

— David, eu perdi todo o meu dinheiro. Aluguei minha casa e agora terei que morar aqui com você. Vou dormir na sua cama. Já pedi à senhora Crupp que arranje um sofá melhor para você se acomodar.

Fiquei completamente **ATORDOADO** com tudo aquilo. Preparei uma bebida quente para tia Betsey e nos sentamos para conversar. Falei a ela que eu ia me casar com Dora, mas sua reação foi muito ruim.

— Você acha que será feliz com uma garota mimada como Dora Spenlow? Por favor, David, não se case com a pessoa errada.

Aqueles comentários me chatearam. Percebendo que eu não conseguiria discutir com tia Betsey aquela hora da noite, achei melhor irmos dormir. Deitei-me no sofá e logo adormeci. Sonhei com minha bela Dora e com o toque de suas mãos no meu rosto.

No dia seguinte, bateram à porta. Era Agnes. Eu me sentia seguro e feliz quando Agnes estava por perto.

— O que faz em Londres, Agnes? — perguntei, assim que a vi.

— Vim falar com sua tia. Soube de seu problema — respondeu.

Tia Betsey veio recebê-la. Tratou Agnes com muito carinho e a fez sentar no sofá onde eu havia dormido.

— Diga, querida, o que quer falar comigo? — perguntou minha tia.

— Preciso saber, senhora Trotwood, foi meu pai que perdeu seu dinheiro? Foi culpa dele?

— Não se preocupe, Agnes. Vou contar-lhe o que houve. Quando soube que seu pai estava bebendo, resolvi tirar meu dinheiro das mãos dele. Transferi tudo o que eu tinha para algumas boas empresas de Canterbury. Mas escolhi mal e as empresas **FALIRAM**. Perdi tudo. Antes tivesse confiado em seu pai, que sempre foi meu advogado.

— Ah, senhora Trotwood, tem certeza de que meu pai não tem culpa?

— Tenho, querida.

— E agora, o que a senhora e David vão fazer?

— Não sei, a única renda que temos é o aluguel da minha casa em Dover.

— Eu posso trabalhar à noite, depois do **EXPEDIENTE** no escritório do senhor Spenlow — sugeri.

— Seu antigo professor em Canterbury, o senhor Strong, precisa de um assistente — disse Agnes. — Ele está vivendo em Londres agora. Lembra-se dele? Era o diretor da escola.

🔍 **ATORDOADO**: confuso, sem conseguir organizar os pensamentos

🔍 **FALIRAM**: fracassaram, não pagaram seus compromissos comerciais

🔍 **EXPEDIENTE**: dia, período, rotina de trabalho

— Sim, eu me lembro — respondi, pensativo.

Procurei o senhor Strong e ele me deu o emprego. Passei a ter uma vida bastante cansativa. Acordava às cinco horas da manhã e voltava para casa às dez da noite. Porém, eu estava feliz por estar trabalhando bastante. Com a ajuda de meu antigo professor, consegui publicar artigos de Direito em alguns jornais. Eu sentia uma vontade secreta de ser escritor. “Muitos bons escritores começaram como **REPÓRTERES**”, eu pensei. “Quem sabe um dia serei um autor famoso?”

Capítulo 13

DIFICULDADES EM CANTERBURY E EM LONDRES

Cerca de seis meses depois, recebi uma carta do senhor Micawber que me deixou preocupado. Dizia o seguinte: “Tenho boas notícias! O generoso Uriah Heep me deu um emprego em seu escritório. Meus problemas acabaram!” A carta também contava que agora era Uriah quem cuidava de todos os negócios do senhor Wickfield. Sua mãe e ele estavam até morando na casa do velho advogado.

No primeiro final de semana de folga que tive, fui até Canterbury. Achei o senhor Micawber bastante mudado, estava sério e muito mais calado do que era. Perguntei-lhe se ele estava gostando da advocacia.

— Algumas coisas são estranhas, Copperfield. Fico meio confuso — respondeu, olhando preocupado para alguns papéis em suas mãos.

Uriah Heep me recebeu fazendo seu típico papel de homem simples. Ele estava com um olhar ainda mais detestável. Abriu a porta da casa e me levou até o quarto do senhor Wickfield. Tive muita pena quando vi o pai de Agnes parecendo ter mais idade do que realmente tinha. Estava abatido e triste. Ele pediu que eu ficasse para o almoço.

A mãe de Uriah e Agnes sentaram-se à mesa e nós todos comemos em silêncio. Depois do almoço, as duas mulheres saíram da sala. Uriah incentivou o senhor Wickfield a beber.

— Vamos comemorar a presença do senhor Copperfield aqui em nossa casa com uma garrafa de vinho — disse.

Eu recusei a bebida, mas o senhor Wickfield não resistiu e tomou várias taças. Então, Uriah continuou a falar:

— Agora vamos brindar à sua filha, senhor Wickfield. Quero me casar com ela!

— Veja, Copperfield — disse o velho advogado —, este homem tirou tudo de mim, meus negócios, minha casa, agora quer tirar Agnes.

— Vai se arrepender de falar assim! — gritou Uriah Heep. — Lembre-se de que tenho o controle de tudo!

Agnes entrou bem na hora e disse:





— Venha para o quarto, papai, o senhor não está bem.

O senhor Wickfield se retirou, **AMPARADO** pela filha, sentindo-se visivelmente envergonhado. Uriah Heep veio falar comigo:

— Eu não sabia que ele ia ficar tão chateado, senhor Copperfield. Ele não está bem. Mas não se preocupe, amanhã faremos as pazes, assim que o efeito do álcool passar.

Fiquei quieto e saí da sala. Fui até a biblioteca e esperei Agnes descer a escada. Ela me levou até a porta, pois eu decidira passar a noite em um hotel. Aquela casa, que me **ACOLHERA** tão bem um tempo atrás, estava triste demais agora. Antes de me despedir, pedi a Agnes:

— Por favor, não se case com aquele homem. Eu gosto muito de você, preocupo-me com seu futuro. Quero que seja feliz.

Ela baixou os olhos, mas depois me deu um sorriso tímido e disse:

— Fique tranquilo.

Não voltei mais para Canterbury por um bom tempo. Os anos se passaram e eu não soube mais de Agnes e de seu pai. Completei vinte e um anos. Transformei-me em um escritor. Publicava mensalmente alguns contos em revistas importantes e ganhava bastante dinheiro com isso.

Casei-me com Dora. Fomos morar na casa que comprei. Tia Betsey vivia em uma **EDÍCULA** na parte de trás. Eu estava muito feliz com minha esposa, mas nós éramos muito jovens e não sabíamos cuidar da casa. Arrumamos uma criada, Mary Anne. Dora e ela não se deram bem e, por isso, a rotina das refeições começou a ficar comprometida.

— Dora, minha querida, você sabe que preciso jantar às seis e meia. Tenho muito trabalho para fazer depois — disse eu, uma vez, vendo que o jantar ainda não estava pronto.

Dora começou a chorar:

— Mary Anne não escuta nada do que eu digo. Ela ri de mim.

— Dora — insisti —, você é a dona da casa. É preciso ter mais autoridade.

Ela chorou ainda mais e se trancou no quarto dizendo:


— Você acha que sou uma péssima esposa. Está arrependido de ter se casado comigo!

Resolvi sair e ir jantar na rua. Quando voltei, tia Betsey estava sentada na sala.

— Sua esposa é muito frágil, David. Eu te avisei que teria problemas se casando com ela. Precisei passar horas consolando-a.

Levei tia Betsey até seu quarto, na parte de trás da casa, e subi a escada. Encontrei Dora sentada na cama, mais calma. Abracei-a e pedi desculpas. Ela chorou e disse que também queria se desculpar. Eu estava certo e ela tentaria ser mais rígida com a criada.

Dois anos se passaram e consegui publicar meu primeiro livro. Eu estava realizando profissionalmente, mas em casa as coisas não iam bem. Dora era realmente muito frágil e ficava doente com facilidade. Além disso, não se interessava por nada. Eu tentava ler para ela, contar-lhe coisas sobre o mundo, mas ela quase sempre dizia que estava cansada.

 **AMPARADO**: sustentado, protegido

 **ACOLHERA**: hospedara, recebera, abrigara

 **EDÍCULA**: pequena casa construída nos fundos da casa principal

De uma hora para outra, Dora ficou tão doente que não conseguia nem se levantar sozinha. Toda manhã, eu a carregava para a sala e, à noite, colocava-a para dormir. Minha tia me ajudava a cuidar dela.

Depois de muito tempo, Agnes nos procurou. Sabendo da doença de minha esposa, passou a frequentar nossa casa em Londres de vez quando. Tia Betsey gostava muito dela e a tratava com carinho cada vez que ela ia nos visitar. Segundo Agnes, as coisas em Canterbury continuavam na mesma situação. Uriah Heep comandava tudo, a casa, os negócios e até a vida de seu pai.

Capítulo 14

O VERDADEIRO URIAH HEEP

A doença de Dora me preocupava, pois ela parecia mais fraca a cada dia. Eu agora passava mais tempo em casa perto dela. Uma manhã, enquanto eu lhe fazia companhia no café, escutei batidas na porta. Era o senhor Micawber. Seus olhos avermelhados denunciavam várias noites sem dormir. O corpo forte de antes estava curvado e magro.

— Senhor Micawber, o que houve? — perguntei, assustado.

— Preciso lhe falar, Copperfield.

Pedi que Mary Anne fizesse companhia a Dora e levei o senhor Micawber até a casa de tia Betsey, pois percebi que as coisas não estavam bem. Não queria que Dora se **EXALTASSE**. Tia Betsey e ele já tinham se encontrado algumas vezes, por isso ela também notou mudanças no senhor Micawber.

— O senhor parece cansado. Como vai sua família? — ela perguntou.

— Vai indo como pode, senhora Trotwood.

— Diga, senhor Micawber, qual é o problema? Estou ficando preocupado — disse eu.

De uma hora para outra, um olhar de ódio se apoderou do rosto do meu velho amigo.

— Criminoso! — ele gritou. — Heep é um criminoso! Vou acabar com ele!

Minha tia e eu tentamos fazê-lo se acalmar, mas não houve jeito. Ele andava de um lado para o outro, gritando:

— Vou destruir Uriah Heep! Odeio aquele homem! Vou quebrar aquele animal selvagem! É a pior pessoa do mundo!

Quando, finalmente, ele sentou no sofá e respirou, mais leve por ter desabafado, perguntei-lhe:

— Pelo amor de Deus, que crime Uriah Heep cometeu?

Ele respirou fundo e disse:

 **EXALTASSE:** ficasse ansioso ou agitado





— Daqui a uma semana, quero todos reunidos no hotel de Canterbury: você, Copperfield, sua tia e seu amigo Tommy Traddles. Vou contar todos os crimes daquele infeliz.

Em seguida, ele levantou-se, despediu-se fazendo uma **REVERÊNCIA** com a cabeça e saiu em silêncio.

Cerca de dois dias depois, tive outra surpresa. Recebi a visita de Dan Peggotty. Depois de vários anos, Emily havia voltado para casa.

— Procurei-a por toda a Inglaterra e não encontrei minha menina. Passava os dias numa tristeza que só vendo. Uma manhã, quando ia trabalhar, encontrei-a na porta de casa. Ajoelhei, agradecendo a Deus por me trazê-la de volta — contou Dan.

— E onde ela esteve esse tempo todo? — perguntei.

— Na Itália, com Steerforth. Um dia, o maldito acordou e disse que estava cheio dela. Foi embora de casa, deixando-a sozinha em um país estranho. Sem dinheiro, nem amigos, Emily se escondeu em um navio que vinha para a Inglaterra. Foi assim que ela conseguiu voltar para cá.

— Meu Deus, que história triste, meu caro Dan. E agora, o que pretende fazer?

— Não quero que Steerforth encontre Emily nunca mais. Ela está traumatizada, triste. Vou levá-la para bem longe, começaremos uma vida nova.

— E para onde vão?

— Dentro de um mês e meio, partiremos para a Austrália. Lá ela ficará segura.

Desejei ao meu amigo toda a sorte que ele e Emily precisavam e pedi que viessem se despedir antes da viagem.

No horário e dia marcados, tia Betsey, Tommy Traddles e eu nos encontramos com o senhor Micawber no hotel de Canterbury. Ele parecia um pouco mais calmo, mas ainda bastante ansioso.

— Já expliquei tudo para Tommy. Quero que vocês me encontrem dentro de dez minutos na casa do senhor Wickfield — ele disse, deixando o hotel em seguida.

Tommy concordou e nos disse que era melhor se soubéssemos de toda a verdade pela boca do próprio senhor Micawber. Esperamos os dez minutos e tocamos a campainha do senhor Wickfield. O senhor Micawber veio abrir a porta. Ele nos cumprimentou novamente e nos levou até o escritório onde Uriah Heep estava.

— Senhora Trotwood, senhor Copperfield, senhor Traddles, que surpresa... — disse Uriah, demonstrando certo desconforto.

— Viemos fazer uma visita — falei.

— É claro. Senhor Micawber, chame a senhorita Wickfield e minha mãe — ordenou.

As duas apareceram logo. Uriah olhou para o senhor Micawber e disse:

— Você já pode ir.

O senhor Micawber não se mexeu.

— Não ouviu? — perguntou Uriah Heep. — Eu disse que já pode sair.

— Prefiro ficar — respondeu o senhor Micawber. — Tenho algumas coisas para contar aos convidados.

Uriah Heep tentou empurrar o senhor Micawber para fora do escritório, mas Tommy Traddles e eu o impedimos.

— Desgraçado! — gritou Uriah. — Você armou tudo, Micawber. Todos vocês planejaram isto.

 **REVERÊNCIA:** cumprimento respeitoso

O senhor Micawber mandou chamar o pai de Agnes e começou a falar:

— Você é um ladrão, Heep! Quando vim trabalhar aqui, você me contou suas **FALCATRUAS**. Você queria a minha ajuda para roubar o dinheiro do senhor Wickfield.

— Isso é mentira! — disse Uriah.

— Heep aprendeu a copiar a letra do senhor Wickfield e assinou papéis importantes no lugar dele — contou o senhor Micawber. — Dessa forma, ele tomou a metade dos negócios e enganou muita gente.

Tommy Traddles assumiu a palavra:

— Estou aqui na condição de advogado do senhor Micawber. Eu o ajudei a reunir provas para incriminar Uriah Heep. Temos um caderno pessoal de Uriah, no qual ele explica passo a passo o que foi feito para destruir o senhor Wickfield. Ele tentou queimar este caderno, mas nós o salvamos a tempo.

— Esperem um pouco — pediu minha tia. — Então foi você que roubou meu dinheiro, Uriah Heep. Agnes, querida, eu havia entregue meu dinheiro ao seu pai, para que ele aplicasse em empresas de confiança. Eu pensei que ele tivesse gastado tudo por conta de seu vício no álcool. Não lhe contei nada porque não queria magoá-la. Além disso, o senhor Wickfield é um homem doente. Depois de ter hospedado meu sobrinho-neto por tanto tempo, eu não me senti no direito de cobrar-lhe nada.

— Você terá que devolver tudo, Uriah — concluiu Tommy Traddles —, ou chamaremos a polícia.

Muito a contragosto, Uriah mandou sua mãe ir buscar os papéis da fraude. Tommy disse que precisava de um tempo para estudar tudo. Enquanto fazia isso, Uriah deveria ficar preso no quarto. Ele devolveria o dinheiro, a casa e os negócios do senhor Wickfield, querendo ou não.

Minha tia e eu acompanhamos o senhor Micawber até sua casa. Ele abraçou a esposa assim que entrou:

— Meu amor, meus problemas acabaram — disse. — É verdade que perdi o emprego, mas estou leve, livre de qualquer culpa.

Os dois choraram, abraçados. Os filhos também comemoraram a alegria do pai. Tia Betsey, então, sugeriu:

— Você não gostaria de morar em outro país, senhor Micawber?

— É tudo o que sempre sonhei, senhora Trotwood.

— David tem uns amigos que estão indo para a Austrália. Talvez o senhor e sua família possam ir junto e tentar a vida por lá.

— Impossível, senhora Trotwood, nós não temos dinheiro para a viagem.

— Se não fosse o senhor, nunca saberíamos do golpe de Uriah Heep. Eu logo terei meu dinheiro de volta e faço questão de ajudar sua família a viajar.

Tia Betsey e eu fomos embora. Deixamos o senhor Micawber agradecido, animadíssimo pensando em ganhar muito dinheiro na Austrália.



Capítulo 15

PARTIDAS E RETORNOS

Minha querida Dora deixou este mundo. Pouco antes de morrer, ela pediu desculpas por não ter conseguido me fazer feliz. Abracei-a com força e a fiz perceber que meu amor por ela era imenso, embora nossa vida conjugal tivesse sido complicada. A última pessoa com quem Dora falou foi Agnes, que tinha vindo visitá-la. Quando Agnes desceu a escada, percebi que estava tudo terminado.

Tommy Traddles trabalhou duro, recuperou o dinheiro de minha tia e de outros clientes. Uriah Heep tentou fugir com sua mãe, mas foi preso logo depois. O senhor Micawber estava felicíssimo com a viagem para a Austrália. Peggotty, minha querida babá, veio para Londres passar um tempo com Dan e Emily antes de eles embarcarem para o outro lado do mundo. Ham ficou em Yarmouth, pois não queria se despedir. Emily escreveu uma carta para ele e pediu que eu a entregasse. Ela continuava doce e meiga, mas percebia-se amargura em seu coração agora.

Como ainda faltava uma semana para o embarque, resolvi ir até Yarmouth levar a carta para Ham. Quando cheguei à cidade, uma terrível tempestade obrigava todos a se abrigarem em suas casas. Um grupo de pessoas, contudo, se amontoava perto da praia. Entre vários rostos aflitos, vi o de Ham.

— Ham, sou eu, David. O que está acontecendo? — perguntei.

— Um navio bateu nas pedras e está afundando! — gritou ele.

Avistamos um jovem acenando um pano vermelho da única parte do barco que ainda se encontrava fora da água.

— Salvem o rapaz! — surgiu um apelo da multidão.

Ham tirou os sapatos e se atirou na água. Gritei para que ele não fosse, era perigoso demais, mas não houve jeito. Ham nadou e foi jogado contra as pedras. Seu rosto se encheu de sangue, mas ele continuou nadando. De repente, ouviu-se um **ESTRONDO** e o navio afundou de uma só vez. Ham foi trazido à praia pelas ondas. Tentamos salvá-lo, mas ele já estava morto. Entre as vítimas do naufrágio encontradas mortas no dia seguinte estava meu antigo colega de escola: Steerforth.

Voltei para Londres **CONSTERNADO**. No dia da partida do navio que ia para a Austrália, minha tia, Peggotty e eu fomos ao porto nos despedir de todos. Não tive coragem de contar a Dan Peggotty, nem a Emily, sobre a morte de Ham. Contei tudo o que se passara ao senhor Micawber e ele me tranquilizou:

— Não se preocupe, Copperfield, eu direi a ele na hora em que achar melhor.

Emily me perguntou se Ham lera sua carta. Respirei fundo e disse que sim.

— E o que ele disse? — perguntou.

— Disse que está tudo bem — respondi.

➤ **ESTRONDO**: forte barulho

➤ **CONSTERNADO**: profundamente triste



Ela sorriu e foi para perto dos filhos do senhor Micawber, que falavam sem parar. Estavam vestidos como marinheiros, “prontos para o mar”, como disseram. Apertei forte a mão de Dan. Eu gostava muito dele. À medida que as velas subiram e o navio foi sumindo no horizonte, tia Betsey, Peggotty e eu nos emocionamos com a despedida.

Depois disso, minha tia voltou a morar em Dover e Peggotty foi trabalhar como sua **GOVERNANTA**. Eu saí viajando pela Europa e passei três anos longe de Londres. Publiquei dois livros durante esse período. Tornei-me um escritor famoso.

Estava escrevendo meu terceiro livro quando decidi voltar para a Inglaterra. Acima de todas as coisas de que sentia falta, Agnes era a mais importante. Percebi que a amava, sempre a amara. Ficando longe, eu estava jogando fora a chance de conquistar a coisa mais preciosa do mundo: o amor de Agnes.

Quando cheguei a Londres, fui logo ver Tommy Traddles. Ele havia se tornado um ótimo advogado e, finalmente, conseguira juntar dinheiro para se casar. Passei a noite em sua casa. Sophie, sua esposa, era muito simpática e sorridente. Nós três conversamos durante horas. Conteí-lhes várias coisas sobre minha vida pela Europa.

No dia seguinte, segui para Dover. Encontrei tia Betsey e Peggotty costurando. As duas não acreditaram quando me viram chegar. Encheram-me de carinho. À noite, depois do jantar, arrisquei uma pergunta a tia Betsey:

— Tem visto Agnes?

Peggotty e ela se entreolharam e sorriram.

— Ela continua morando em Canterbury. Seu pai assumiu novamente o escritório de advocacia e recuperou a autoconfiança, depois que Uriah Heep foi preso.

— A senhora sabe se... se ela...?

— Está casada?

— Sim — respondi.

— Muitos homens quiseram se casar com ela. Ouvi dizer que ela acabou de receber uma proposta de um rapaz londrino, mas não sei se aceitou. Ela nem mesmo me contou sobre a proposta. Talvez ainda esteja em segredo.

Parti para Canterbury logo cedo. Agnes estava morando na mesma casa. Uma jovem criada abriu a porta e eu pedi:

— Por favor, diga à senhorita Wickfield que um cavalheiro vindo de muito longe está aqui para vê-la.

Agnes apareceu logo depois, mais linda do que nunca. Nossos olhares se fixaram. Nós nem mesmo piscávamos. Abraçamo-nos com saudades e depois nos sentamos lado a lado no sofá da sala. Ela me perguntou várias coisas sobre a Europa e sobre meus livros, mas eu não conseguia me concentrar na conversa. Estava ansioso demais para lhe perguntar:

— Agnes, é verdade que você tem um segredo?

Ela corou e se levantou.

— É melhor você ir embora, David. Depois conversamos.

— Agnes, por favor, o que houve?

Ela deixou escapar uma lágrima.

— Sim, é verdade, eu tenho um segredo, mas é um segredo muito antigo, não é o que você está pensando. Não posso contar-lhe o que é.



Percebendo que a hora certa para me declarar era aquela, enchi-me de coragem e falei:

— Preciso lhe confessar uma coisa ou meu peito vai explodir. Eu voltei porque senti muito a sua falta. Amo você do fundo do meu coração. Não posso nem quero viver longe de você, meu amor.

Mais lágrimas brotaram dos seus olhos. Ela tocou meu ombro e disse:

— David, meu querido David. Eu estava com medo de dizer, mas meu segredo é que eu sempre o amei, desde quando o conheci.

Beijamo-nos intensamente e nos casamos em duas semanas. Depois do casamento, quando saíamos da igreja, ela me perguntou baixinho, para que os convidados não ouvissem:

— Na noite em que Dora morreu, sabe o que ela pediu?

— O quê? — perguntei, estranhando ela falar em Dora bem no dia do nosso casamento.

— Ela queria que eu tomasse o lugar dela em sua vida, David. Dora me pediu que eu me tornasse sua esposa.

Trouxe-a para bem perto de mim e disse:

— Eu te amo...

Fomos muito felizes.

ROTEIRO DE LEITURA

- 1) Depois de ler a história da vida de David, você concorda com a profecia que lhe foi imposta no dia de seu nascimento?
- 2) Por que você acha que a senhora Betsey Trotwood não queria que o bebê de Clara Copperfield fosse um menino?
- 3) Qual foi o verdadeiro motivo de Peggotty ter levado David para passar duas semanas em Yarmouth?
- 4) Você conhece alguém que tenha adotado crianças, assim como Dan Peggotty fez com Ham e Emily? O que você acha desta atitude?
- 5) Por que você acha que Clara se casou com o senhor Murdstone, uma vez que ele era tão mau para seu filho?
- 6) Como era a vida de David na escola do senhor Creakle? Faça uma entrevista com um de seus avós e lhe pergunte como era sua vida escolar. Quais são as diferenças e semelhanças entre a sua vida escolar atualmente e a de seu avô/avó?
- 7) Releia algumas passagens da história e relacione as atitudes de Steerforth desde quando David o conheceu. Você acha que Steerforth era um rapaz ruim desde cedo ou acredita que ele tenha realmente se apaixonado por Emily?



- 8) Quando David voltou para casa nas férias, sua mãe só falava com ele quando estava bem longe do marido. O que você acha que isso mostra sobre a personalidade dela?
- 9) Ainda criança, David precisou trabalhar em uma firma de Londres, ao lado de outros meninos, depois da morte de sua mãe. No Brasil, é permitido que crianças trabalhem? Faça uma pesquisa e descubra onde existe trabalho infantil no país e o que está sendo feito, por parte do governo, em relação a isso.
- 10) David passou cinco dias caminhando sozinho até a casa de sua tia em Dover. No Brasil, existem milhares de crianças que passam anos nas ruas, como David, sem roupas limpas, comida nem dinheiro. Em que cidades do Brasil isso é mais comum? Por que isso acontece e o que está sendo feito para controlar a pobreza e a miséria em nosso país?
- 11) David começou a estudar Direito, depois mudou de ideia e decidiu ser escritor. Procure alguém que você conhece e que tenha mudado de profissão. Entreviste-o/a e descubra por que ele/ela decidiu trabalhar com outra coisa.
- 12) Você acredita que o senhor Wickfield bebia somente por influência de Uriah Heep? Por que você acha que o advogado se deixou dominar tão fortemente por seu antigo empregado?
- 13) Qual foi a lição que David recebeu do senhor Micawber, quando ele foi visitá-lo na prisão? Por que você acha que o senhor Micawber não conseguia arrumar emprego? Faça uma pesquisa e descubra por que há tanto desemprego no Brasil.
- 14) Na sua opinião, quais personagens do livro são bons e quais são maus? Agora faça uma lista das características físicas e psicológicas de cada personagem. Existem características comuns entre os bons? E entre os maus?
- 15) Durante toda a história, alguns personagens mudaram de características. Os que pareciam bons tornaram-se maus e os maus tornaram-se bons. Quais foram eles?
- 16) Uriah Heep e Tommy Traddles tornaram-se advogados. Qual a diferença entre eles?
- 17) De qual personagem você mais gostou? Por quê? De qual personagem você menos gostou? Por quê?
- 18) Que amor você julga ter sido mais verdadeiro: o que David sentia por Dora ou o que ele descobriu sentir por Agnes? Por quê?
- 19) Que partes da história você mudaria? Reescreva essas partes, depois conte sua nova versão para o resto da classe.
- 20) Escolha um trecho do livro e, junto com um grupo de colegas, monte uma peça de teatro encenando-o.



David Copperfield

Charles Dickens

BIOGRAFIA DO AUTOR

Estudiosos de literatura consideram Charles Dickens o maior escritor inglês do século XIX. Alguns chegam a apontá-lo como o romancista mais importante que a Inglaterra teve em todos os tempos.

Nascido em Landport, em 7 de fevereiro de 1812, foi um menino pobre, que cedo observou as injustiças sociais, tema principal de suas obras. O pai de Dickens era um modesto empregado da Marinha. Assim como o senhor Micawber, personagem deste livro, seu pai se arruinou com dívidas, foi preso várias vezes e mudou com a família de um lugar para outro.

Apaixonado por livros desde a infância, Dickens não chegou a concluir o curso superior. Estagiou num escritório de advocacia e, em 1831, ingressou na imprensa como jornalista, onde assinava artigos com o pseudônimo de “Boz”. Em 1838, casou-se com a filha do redator-chefe do jornal inglês *The Evening Chronicle*, Catherine Hogarth.

Charles Dickens também gostava muito de teatro e costumava fazer sessões públicas de declamação.

Suas principais obras são: *Memórias de Pickwick*, *Oliver Twist*, *Conto de Natal* e este *David Copperfield*. Seus livros são fortemente autobiográficos, isto é, marcados pelos fatos que aconteceram na sua infância e juventude. Sofrendo na própria pele o que seus personagens viveram, o escritor toca o coração dos leitores até hoje.

Dickens faleceu em 1870, em Gadshill, Inglaterra. Diz um historiador que “desapareceu alguém insubstituível na vida inglesa, uma luz que brilhava acima do comercialismo, atraindo os homens para a alegria e o amor”. Muitas de suas obras fazem sucesso até hoje. Várias delas já foram adaptadas para o cinema.

